

LAÇOS INTELECTUAIS: A POLÍTICA DA AMIZADE NA RECEPÇÃO CRÍTICA DE LOBIVAR MATOS

INTELLECTUAL BONDS: THE POLITICS OF FRIENDSHIP IN THE CRITICAL RECEPTION OF LOBIVAR MATOS

Washington Batista Leite¹

RESUMO

Este estudo investiga as concepções de amizade na obra e no contexto social do poeta Lobivar Matos, analisando como suas relações afetivas e literárias desafiam os modelos tradicionais fraternais, em favor de uma amizade política, conforme teorizada por Jacques Derrida e Francisco Ortega. A pesquisa se justifica pela relevância do tema para os estudos literários e culturais, especialmente no que tange às relações de poder, memória e subalternidade na fronteira-sul. O objetivo central é examinar como Lobivar Matos construiu suas redes de amizade, articulando-as a um projeto literário descolonial, que incluía diálogos com críticos e escritores de sua época. Metodologicamente, a pesquisa se baseia em análise bibliográfica e crítica biográfica fronteiriça (Eneida Maria de Souza, Edgar Cézar Nolasco), explorando arquivos pessoais, resenhas e comentários publicados nos livros do poeta. Os resultados revelam que Lobivar cultivou amizades não fraternais, mas políticas, mediadas por trocas intelectuais e favores, como evidenciado nas críticas de Manoel de Barros, Cecílio Rocha e outros. Essas relações refletiam uma amizade desproporcional (Derrida), em que o vínculo não dependia de afeto, mas de interesses literários e sobrevivência cultural. Conclui-se que a amizade em Lobivar Matos funcionou como estratégia de inserção literária, permitindo-lhe circular entre elites intelectuais enquanto tematizava questões marginalizadas. A pesquisa contribui para os estudos pós-coloniais ao demonstrar como a amizade pode ser um ato político, reconfigurando tradições literárias. O autor aprendeu que a crítica biográfica fronteiriça permite ressignificar vínculos metafóricos com o passado, tornando Lobivar Matos um "amigo póstumo" na escrita acadêmica.

Palavras-chave: Amizade política, Lobivar Matos, crítica biográfica fronteiriça.

ABSTRACT

This study investigates the conceptions of friendship in the work and social context of poet Lobivar Matos, analyzing how his affective and literary relationships challenge traditional fraternal models in favor of a political friendship, as theorized by Jacques Derrida and Francisco Ortega. The research is justified by the relevance of the theme to literary and cultural studies, especially regarding power relations, memory, and

¹ Doutorando em Letras, na área de Literatura e Estudos Culturais na linha de pesquisa de Literatura em Diálogos Múltiplos, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Mestre em Estudos de Linguagem (2018), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGMEL/UFMS) Campus de Campo Grande. E-mail: tonbatista@gmail.com

subalternity in the southern borderlands. The central objective is to examine how Lobivar Matos built his networks of friendship, articulating them into a decolonial literary project that included dialogues with critics and writers of his time. Methodologically, the research is based on bibliographic analysis and border biographical criticism (Eneida Maria de Souza, Edgar Cézar Nolasco), exploring personal archives, reviews, and commentaries published in the poet's books. The results reveal that Lobivar cultivated friendships that were not fraternal but political, mediated by intellectual exchanges and favors, as evidenced in the critiques of Manoel de Barros, Cecílio Rocha, and others. These relationships reflected a disproportionate friendship (Derrida), in which the bond was not based on affection but on literary interests and cultural survival. The study concludes that friendship in Lobivar Matos functioned as a strategy for literary insertion, allowing him to circulate among intellectual elites while thematizing marginalized issues. The research contributes to postcolonial studies by demonstrating how friendship can be a political act, reconfiguring literary traditions. The author learned that border biographical criticism enables the re-signification of metaphorical ties with the past, making Lobivar Matos a "posthumous friend" in academic writing.

Keywords: Political friendship, Lobivar Matos, border biographical criticism.

Introdução

Em poucas palavras, a amizade é uma forma de se esquivar das convenções sociais: “Toda amizade verdadeira é uma espécie de secessão, até uma rebeldia [...]. Em cada conjunto de amigos existem uma ‘opinião pública’ seccional, que fortifica seus membros contra a opinião pública da comunidade em geral. Toda amizade é, por conseguinte, um ponto de resistência potencial. (Ortega. Ética e política da amizade, p. 157.)

Quando penso em amizade, automaticamente surgem palavras que me remetem a carinho, irmandade, estabilidade, parceria. Palavras que no imaginário do senso comum englobam e endossam a discussão sobre o que seria a definição de amigo. A passagem acima, de Francisco Ortega (2002) resume esse imaginário de significações como a amizade sendo uma forma de esquivar das convenções sociais.

Para então tratar dessas relações de amizade ou convenções sociais como nos disse Ortega, me valho de dois autores que dialogam sobre esse pensamento: Jacques Derrida e o autor dito acima, autores respectivamente das obras *Políticas da amizade*

(2003) e *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), *Para uma política da amizade* (2000) e *Genealogias da amizade* (2002); utilizei também de Edgar Cézar Nolasco e Eneida Maria de Souza no meu processo de inscrição com a crítica biográfica, e a crítica biográfica fronteiriça.

Para conhecimento de todos e situar a leitura, as concepções de amizade serão estabelecidas através da vida do poeta corumbaense Lobivar Matos, que faz parte de um dos maiores escritores de poesia de 1930, que se autointitulou como desconhecido. Nasceu em Corumbá, antes da divisão do estado, escreveu na sua juventude *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá: poemas* (1936), e suas obras renderam comentários “amigos” e políticos na época, que será explanado neste texto.

Para engendrar minha discussão aqui sobre amizade, busco no meu arquivo da biblioteca do professor Pereira Lins, amigo pessoal do poeta e alguns escritores que Lobivar manteve contato e outros que indiretamente/metaforicamente se fazem amigos, assim como eu, que criaram um vínculo com o poeta e dialogam com o escritor sem ter uma relação fraternal. Para tanto, preciso conversar com o conceito de amizade e esclarecer alguns conceitos advindos de amizade.

Negociatas amigas: amizades e/ou políticas lobivarianas

O que estamos chamando de ‘fraternização’, é aquilo que produz simbolicamente, convencionalmente, através de um envolvimento autorizado, uma determinada política, a qual, seja esta de esquerda ou de direita, alega uma fraternidade real ou regula a fraternidade espiritual (...) (Derrida, 2003, p. 93).

Como pode-se ler na epígrafe acima, a amizade para Jacques Derrida (2003) quando fraternal assume uma relação simétrica em que o amigo neutraliza o seu semelhante por possuir um vínculo de tentar compreendê-lo, ou seja, “compreender pode também querer dizer neutralizar. Compreender pode mandar esquecer [...]” (Derrida, 2003, p. 11), sempre numa busca de um reflexo, como se tentasse refletir o outro em si mesmo.

Todavia, tal modelo de amizade ocidental clássico carregava consigo uma ideia de fratriarquia exposto pela filosofia de Aristóteles que segundo Ortega em *Para uma política da amizade* (2000), “O amigo aparece nos discursos da amizade na figura do

irmão. A amizade democrática constitui-se a partir de Aristóteles – que iguala a amizade entre irmãos à democracia – como um processo de fraternização: a amizade é, em princípio, democrática por ser fraternal” (Ortega, 2000, p.60).

Partindo desse modo posto pelo modelo embasado por moldes de conduta, nota-se que o amigo seguia um código ético-moral em que não existiam dívidas, pois, de acordo com essa linha de raciocínio a amizade poderia findar-se se não existisse este elo fraternal e afetivo. Quero chegar ao ponto que, pensando a partir da fronteira-sul, na década de 1930, a amizade de Lobivar fugia um pouco dos moldes fraternais.

Houve dificuldade para o poeta prosseguir seus estudos, mesmo assim se formou em Direito. O poeta era advogado e mantinha contato com pessoas de sua profissão, políticos e pessoas de diferentes estados que escreviam e sempre publicavam em jornais e revistas. Lobivar teve sua vida marcada por constantes mudanças de residência, tornou-se um sujeito atravessado por vivências, passou por Cuiabá “onde colaborou escrevendo crônicas e poemas para O estado de Mato Grosso, idas e vindas pelo trecho de Corumbá, Campo Grande e Rio de Janeiro, e a intensidade dos planos de uma vida intelectual” (Araújo, 2009, p. 17).

Seu círculo de amigos, então, se aproxima do que Derrida descreve de desproporção, pois:

A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade, e também a interrupção de toda a fusão ou confusão entre tu e eu. E significa ao mesmo tempo um divórcio com o amor, seja ele o amor de si. As quantas linhas que definem esta boa amizade não se distingue da má senão ao escapar a tudo quanto se acreditou reconhecer sobre o nome de amizade. Como se se tratasse ali de uma simples homonímia. A boa amizade nasce da desproporção[...]. (Derrida, 2003, p. 74)

A preocupação da amizade não está nos vínculos fraternais, pois supõe que toda amizade quando boa pode escapar e desproporcionar dos moldes tradicionais aristotélicos de boa conduta. Abrir mão de querer se espelhar no outro como ligação de uma boa amizade passa a ser questionado na medida em que pensamos que um bom amigo está próximo de ser um inimigo.

Para Derrida (2003), pensar em amigo é pensar no inimigo ao mesmo tempo. “o inimigo verdadeiro, eis um melhor amigo que o amigo. Por que se ele pode odiar-me ou

guerrear-me em nome da amizade, se ele respeita em suma o verdadeiro nome da amizade, respeitará o meu próprio nome” (Derrida, 2003, p. 83, 84)

Sob à luz de Derrida (2003), ressalto que a discussão proposta pelo primeiro conceito aqui elencado de uma amizade fraternal e começa tratar a amizade como detentora de duas figuras indissociáveis, pois, atrás da proposição de amigo pressupõe a do inimigo, entendo assim que, ambos, compõem o fraternalismo e cunham o que é o político na amizade.

No âmbito literário, essa amizade ou convenção social, perpassa por questões mais pessoais de escolha e seleção, encontrando um eco na questão dos precursores, uma vez que a amizade enquanto política permite que um escritor escolha seus precursores pela afinidade intelectual ou por ter interesses em comum.

Em ensaio intitulado “Notas sobre a crítica biográfica”, Eneida Maria de Souza explana que:

[...] é possível estabelecer laços de amizade literária entre os autores, substituindo-se a tradicional metáfora familiar, que corresponderia à construção de modelos literários a partir dos conceitos de influência e de tradição cultural, herança recebida pelo autor de forma passiva e conforme as exigências da crítica, notadamente de caráter historicista. A relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, à maneira da fórmula consagrada por Borges, o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns, parceiros que se unem pela produção de um vínculo nascido da região fantasmática da literatura. (Souza, 2011, p. 48)

Com Lobivar Matos, não foi diferente, como posto na passagem por Souza, a amizade substitui essas metáforas de senso comum e correspondem a modelos partindo de conceitos de influência e herança, de forma que a relação de amizade também possa ser possível por uma união metafórica ou de interesses, por produção, por lócus geoistórico, pela produção de uma época, e por última instância algum vínculo afetivo. O amigo escolhe seu precursor.

Dentre os amigos de Lobivar, encontramos em nosso arquivo o poeta Manoel de Barros; Clio Proença, amigo de infância de Lobivar, como podemos observar no trecho “O letrista Clio Proença, seu amigo de infância, nos conta que ele fora um menino de mais ver e ouvir do que falar, garoto mirrado ele seguia a turma, sempre meio arredio, pelas barrancas do Paraguai, em cismares sem fim” (Guizzo, 1979, p. 57) e escritores

como Cecílio Rocha, Pedro de Medeiros (ao qual dedicou seu primeiro escrito na Folha da Serra) e Etumbirdes Serra.

Todos os amigos citados acima, são distantes de um elo fraternal e familiar, o que assemelha-se a forma de Francisco Ortega (2002) tratar o conceito de amizade, uma vez que para o teórico a amizade pode ser aberta a um novo campo de possibilidades sendo também tratada como um relacionamento para além da família, podendo ser tratada metaforicamente ou sem um vínculo intrinsecamente afetivo:

O medo ao diferente, aberto, indeterminado, contingente e desconhecido leva-nos, sem dúvida, a procurar analogias, formas de adaptação e tradução em imagens conhecidas e próximas, que nas descrições de relações pessoais são as da gramática familiar. Isso revela uma pobreza imaginativa, nossa incapacidade de jogar, experimentar, brincar com o novo, o imprevisível e o aberto. Se as formas de relacionamento possível não se esgotam na família, e se a família nem sempre forneceu o único arsenalmetafórico a nossa disposição, não existe nada necessário nesse uso decorrente de imagens e metáforas familiares e fraternais. (Ortega, 2002, p. 124)

Nesse sentido, ao escrever e falar sobre o poeta também posso me inserir como amigo do poeta, um amigo de outra vida, pois minha articulação teórico crítica perpassa pela metáfora de ao falar do poeta, o conheço, e tenho um vínculo acadêmico e político. Neste tocante, a estudiosa Suzana Albornoz (2010), na esteira de Jacques Derrida, em “Ó meus amigos, não há amigos!: reflexões sobre a amizade”, esclarece que:

[...] o amigo morto vive através da lembrança do amigo sobrevivente. Sobreviver ao amigo, fazer-lhe o discurso de despedida e homenagem [...] e manter sua memória enquanto sobrevivente, é ao mesmo tempo a essência, a origem e a possibilidade, a condição de possibilidade de amizade; esse tempo de sobrevivência é a dimensão da amizade. (Albornoz, 2010, p. 138)

Sendo assim, deixo Lobivar Matos em sobrevida ao lembrar de suas poesias e falar de sua vida, pois mantendo sua memória e ao mesmo tempo sua essência ao tratar da cidade branca esquecida pelos grandes centros. Posso afirmar que minha amizade é metafórica na medida em que não conheci o poeta e que minha escrita sobre suas poesias são um gesto de homenagem póstuma para com o escritor.

Retomando aos amigos do poeta, e pensando na fronteira-sul como inserção de minha vivência e também lócus de escrita do poeta, como vimos acima, a amizade não é

apenas fraternal, e um amigo não representa *ipsis litteris* um outro eu amigo, comum na amizade fraternal, mas sim um outro que poder ser dialogado como um amigo político.

Ao propor tratar aqui de amizade, pretendo trabalhar então em três campos: a amizade minha com o poeta em uma relação transferencial e metafórica; a relação de amizade do poeta com outros escritores; e a relação da crítica em relação aos livros do poeta na década de 30, uma vez que os comentários sobre o livro reforçam um elo amigo de apresentar as obras.

Quando trato Lolito (apelido do escritor) como amigo, entendo que minha base se encontra pela crítica biográfica pós ocidental, ou crítica biográfica fronteiriça que me permite trabalhar a relação vida e obra, tanto da via do “objeto” de estudo quando do crítico entrelaçadas em uma relação transferencial. Eneida Maria de Souza (2011) sobre essa ligação explana que:

[...] ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho prodigo e assim por diante. (Souza, 2011, p. 20)

Quando trago a passagem de Souza para tratar minha relação metafórica de amizade com o poeta, pretendo destacar que, as passagens sobre a crítica dos livros de Lobivar com comentários de amigos, destaca a amizade como política uma vez que utilizavam da amizade para pensar seu projeto literário.

Ao discorrer sobre, reflito que todas essas críticas formam o projeto memorialístico do escritor e que registram como foi a recepção na época. Temos os comentários publicados pelos amigos no próprio livro do poeta e todas estas explanações também formam parte da memória da cultural local, sendo carregados às vezes com detalhes também da época e do ano:

O Sr. Lobivar Matos não é só um espírito emancipado de ironista. É também prosador de destro e eficiente. Mas os versos? Os pequenos poemas que formam este volume, deixam travos da fruta verde, deixam travos de fruta verde e revelam uma das mais curiosas organizações literárias destes últimos tempos.

Seus poemas de caráter social do mesmo modo se infiltram desse desencanto que tão bem instila nos espíritos o sentido humano dos mesmos. “Profecia”, “As lavadeiras” são alguns lances duma graça muito segura. O Sr. Lobivar Matos foi uma das poucas surpresas que

nos assaltaram nestes últimos tempos. (Eloy Pontes) (Pontes *apud* Matos, 1936, p. 87-88)

....Destarte, desfeito o mistério, o leitor penetra na selva luminosa dos versos. E deleita-ses com essa incursão. O poeta ainda é muito jovem, mas já revela predicados de artista de escola. Poeta moderno, o Sr. Lobivar Matos, o Sr. Lobivar Matos não se compromete por excessos lamentáveis. A sua arte é harmoniosa e nobre. Na sua primeira tentativa de ascensão o Sr. Lobivar Matos possuir asas que o poderão fazer remontável à apreciável altura. (Leoncio Correia) (Correia *apud* Matos, 1936, p. 87-88).

No fragmento acima de Eloy Pontes observamos esclarecimentos como “foi uma das poucas surpresas que nos assaltaram esses últimos tempos”(Pontes *apud* Matos, 1936, p. 87-88), ou comentários de Leoncio Correia como a da idade do poeta que tinha apenas 18 anos, o que para escritores experientes poderia ser um impecílio, semelhante ao discurso de Gil Pereira: “Para um espírito de dezoito anos, os poemas indicam uma inteligência superiormente equilibrada, capaz de bem produzir em qualquer ramo literário” (Pereira *apud* Matos, 1936, p. 87-88) e o de José de Mesquita “O Livro de Lobivar Matos revela alta dose de imaginação, que nos promete, no principiante de 18 anos um grande poeta para a maturidade” (Pereira *apud* Matos, 1936, p. 90).

Todos estes amigos podem ser por um contato apenas de livros, leitores de Lobivar, ou talvez conhecidos de viagens, todos com um diferencial, publicaram no livro do poeta comentários sobre sua obra, houve uma troca de contato, o poeta soube da existência de cada um e quem sabe trocou contato, pois na época, a amizade era intermediada pelo envio de cartas. Também temos:

Ele tem para mim um lado muitíssimo simpático: quer a este como função social e diz “os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos parias, sem pão, sem amor e sem trabalho”. E “falando com um pouco de vaidade, de orgulho e de altivez... sente-se feliz rodeado por boróros que o escutem”. E a academia carioca de Letras o escutou carinhosamente aplaudindo-o... boróros que escutaram o Areôtorare. (Fabio Luz) (Luz *apud* Matos, 1936, p. 87-88)

Logo na passagem acima, Fábio Luz comenta sobre o livro *Areôtorare*: poemas boróros (1935) e trata de temas como raça e as comunidades indígenas presentes em Corumbá como “função social”, uma literatura voltada para os subalternos e que Lobivar fala de coisas humildes como se falar dos condenados fosse naquela época algo

social, reforçando o discurso hegemônico e que insistia em apagar as memórias subalternas latinas.

Pensando no teórico Ortega em *Genealogias da Amizade* (2002), amizade não possui uma forma fixa de entendimento, como se pudéssemos explicar com uma forma clara e fixa, possuindo inúmeras noções, por isso minha escolha foi por trabalhar essa amizade como política, proposta por Derrida, e durante a escrita aproximo estes comentários como hipóteses, pois a crítica biográfica permite que meu universo simbólico se amplie:

O entrecruzamentos de momentos textuais com os vividos permite ampliar a noção de texto, que não mais se circunscreve à palavra escrita, mas alcança a dimensão de outros acontecimentos, interpretados como parte do universo simbólico. Nesse sentido, a intertextualidade, conceito amplamente empregado pela crítica literária contemporânea, além de se referir ao diálogo entre textos, desloca o texto ficcional para o texto da vida. (Souza, 2002, p. 115-116)

Toda esta memória que descrevo aqui possui importância para a crítica da época que ainda hoje encontramos nas costas de livros comentários como o de Cecilio Rocha “Areôtorare” é vida plena de poesia. É o sentimento das coisas manifestado em forma de arte. Um livro para se sentir” (Rocha *apud* Matos, 1936, p. 91, que vendem a imagem do livro e despertam a curiosidade do leitor.

Ainda sobre a passagem de Souza, tudo que componha o *bios* do poeta e que remeta a construção de uma memória do sujeito é pertinente para meu exercício de teorização subalterna enquanto leitor da fronteira-sul, latino e também reproduzor de uma crítica da obra do poeta. Pois Souza ressalta que “é importante, enfim, assinalar, a contribuição dos teóricos latino-americanos para a leitura pós-colonial do gênero autobiográfico [...]” (Souza, 2011, p. 18).

Diferente de como era a amizade dita anteriormente, voltada ao cunho fraternal, a relação política se torna nítida ao trazer esses comentários amigos de conhecidos/amigos sobre seu livro lançado em 1935, publicados logo em seguida no seu livro de 1936. Lobivar lidava bem em fazer amigos pois era um sujeito migrante, viveu em vários estados e o que parece é que suas relações de amizade eram passageiras, uma vez que o poeta vivia em trânsito, chegando a morar no Rio de Janeiro. Segundo Ortega (2002):

A tradição do pensamento político ocidental, se constituiu no gesto de interpretar a esfera do político (da qual a amizade faz parte) em categorias pré-políticas, familiares ou domésticas. [...] Trata-se, portanto, de uma percepção filosófica da amizade e não política, pois no olhar da polis, na experiência cotidiana de seus cidadãos, a amizade era uma relação política. (Ortega, 2002, p. 13-14).

Lendo a passagem de Ortega e observando as críticas de seus amigos, posso dizer que a relação política de amizade era presente e forte em Lobivar, sobretudo uma amizade sem criar tantos laços, de cunho mais político. Assim como Lobivar foi político em sua poesia de falar dos pobres, sujos, negros, famintos, abandonados, doentes, sujeitos escravizados e indígenas; ganha um patamar de atenção da crítica dos letrados que também politicamente resolvem comentar sobre, como podemos observar Honório Silvestre e Modesto de Abreu que diz:

E uma coletânea de mimosos poemas bororos que somente os pode apreciar quem pelas terras brasileiras distantes, conseguiu ao percorrer e devassar uma quantidade infinitamente pequena de seus misteriosos selvagens... O jovem poeta das longínquas e opulentas paragens de Mato Grosso não é um poeta de jeremiadas. Pelo contrario, procura se identificar com o meio geográfico, estudando em curtas linhas as inevitáveis relações entre a natureza e o homem.

Nas duas poesias, Queimada e Enchente...há versos que são pineladas de arte, retratando a majestade bravia da natureza ante os dois flagelos.

Lobivar Matos, espírito sonhador de realidades, encanta-o a paisagem de sua terra natal, paisagem brutal em meio de seus encantos bravios ... E assim eu direi ao leitor, em mente e em espírito, eu ouvi o índio “Areôtorare” narrar e dizer as coisas do passado de sua raça, os queridos boróros. (Honório Silvestre) (Silvestre *apud* Matos, 1936, p. 89).

Ele pretende, já se vê com os poemas que escreveu e publicou, colocar-se no papel de Areôtorare para contar-nos as suas histórias a nos outros, boróros de colarinho e gravata... O poeta de Areôtorare, porém, está bem distante desta estesia equivoca dos meneludos vates que fizeram as delícias de nossos avós... É pois um poeta modernista, coisa bem diferente do chamado futurismo...por essas amostras e pelos temas de alguns de seus poemas, será lícito concluir que o Sr. Lobivar Matos nos diz algo em seu livro e muito mais terá a dizer, pois penetrou numa seara rica, na qual muito há a semear e a colher... De qualquer forma, o Sr. Lobivar Matos com “Areôtorare”, pelo aspecto que nos apresenta, contribuiu de algum modo para a Poética Nacional. (Modesto de Abreu) (Abreu *apud* Matos, 1936, p. 90).

Os dois críticos amigos comentam sobre terras brasileiras e a contribuição do escritor para a Poética Nacional, e em outro momento que ouviram o indígena narrar sobre sua raça. O que se levarmos em consideração na atualidade é um ato extinto, pois as histórias locais no nosso cenário atual, foram exumadas/apagadas dos projetos globais e, muito menos, chegam à realidade da academia ou são publicadas em livros, quiçá recebem algum comentário crítico de algum outro escritor que as leia.

Presenciamos cenas de massacre na atualidade e o descaso da população indígena que Lobivar trouxe em seu livro, o poeta teve a preocupação de trabalhar o termo areôtorare e teve o cuidado de explicar as histórias narradas em forma de poesia, todavia, os críticos comentavam nos moldes tradicionais, dizendo sobre “ambiente modernista” e “Aventura medievalesca”, não estavam preparados para a literatura de fronteira do poeta:

Lobivar Matos vem jogando com as cadencias novas. Nasceu para a poesia em pleno ambiente modernista. Há um ímpeto forte em vários dos seus poemas. O sangue boróro que traz nas veias possivelmente reserva alguma

surpresa para o futuro. (Tasso da Silveira) (Silveira *apud* Matos, 1936, p. 90).

Lobivar Matos dá-nos um livro atrevido. Arriscou-se na aventura medievalesca da poética nova sem procurar justificar-se num objetivo. ...Lá vem o peão simples que comprehende a terra. A festança estoura. Baguás e chucros pererecam de raiva. Mas o caboclo não cai. Chimarream lorotas e sapecam balaços. Danças, umbigadas, requebros brasileiros.

Sertão bruto, batuta, bonito, brincalhão, valente e sanguinário. É mais ou menos assim, nessa vibração maluca, espoucante de luz, de imagens de tambores que Lobivar Matos escreveu “Areôtorare”. É o melhor atestado de sua bravura moca, esse movimento livre e versátil de temas e de quadros. As suas poesias são assim tumultuosas, vadias ou calmas. É a parte mais pitoresca de um caráter artístico.

...Repetiu com uma saudade materializada, meio arrependida de lembrar, disfarçada tão mal num indiferentismo delicado, as cenas de seu recanto de infância, as maravilhosas e ingênuas paisagens que tingiram de cores seus olhos desde quando jogava bolita com garotos vadios de sua terra natal. A gente pega os versos de Lobivar Matos e sente um gosto de mato mato- grossense.

Cheiroso. Uma seiva, um leite verde de ideias que as cheias lá dos pantanais esparramam prodigamente por quilômetros e quilômetros. (Itumbirdes Serra) (Serra *apud* Matos, 1936, p. 92).

A figura do indígena como medievalesca, a dor e sofrimento como poesias tumultuosas e vadias, ou até mesmo pitoresca foi dito pelos críticos. A recontação de

histórias propostas por Lobivar não tinha uma crítica que lesse tal produção com tal seriedade. Apenas em um momento ou outro lemos algum comentário de que o sangue boróro corria em suas veias.

Outros de seus amigos como Osmundo Lima, comenta que seus versos apresentam a revelação dos pobres mato-grossenses nos instantes de sofrimento, e que compreender a alma dessa população esquecida e abandonada era mérito do poeta e que como o próprio Lobivar disse, carregava o destino de uma população deixada pelos grandes centros:

O poeta tem uma visão quase perfeita da vida e do mundo. Uma seriedade inédita na sua idade é a seiva que circula na maioria dos poemas. Gosto dos poetas que se tornam arautos do sentimento popular. Lobivar Matos é um deles. Os seus versos são revelação dos pobres mato-grossenses nos seus instantes de dor e de transbordamento.

Compreender a alma do povo, fazer eco dos seus pesares e de suas alegrias, eis o destino do jovem poeta. (Osmundo Lima) (Lima *apud* Matos, 1936, p. 94).

Os comentários amigos são os mais variados, Evagrio Rodrigues explica sobre a educação das escolas da época “Para o talento nunca houve escolas. Quem o possui produz dentro de qualquer uma delas. Lobivar Matos tem talento. É criador. E quem criou o seu ritmo, livre de preconceitos, criou sua escola” (Rodrigues *apud* Matos, 1936, p. 94).

Já Paranho Antunes insere o *bios* do poeta como se fosse o indígena Areôtorare que narra as histórias e comenta do ritmo daqueles dias de 1930 “... Lobivar Matos quis, por isso ser o “Areôtorare” dos boróros de Mato Grosso e de seus descendentes cujos homens e cuja gleba canta em versos modernos, fortes, de ritmos descompassados, que são os ritmos de nossos dias. Lobivar Matos, esse poeta de 18 anos, foi para mim, uma revelação” (Antunes *apud* Matos, 1936, p. 94).

Outras questões voltam a ser debatidas como a idade e a poesia modernista. Todavia, Ari Martins comenta sobre Lobivar ser um legítimo mato-grossense, porquanto sua obra tinha um caráter regional com predominância menos urbanas.

Venho de completar a leitura de um interessante livro de poesia moderna. Chama-se “Areôtorare” e é seu autor o Sr. Lobivar Matos, um rapaz de um pouco mais de 18 anos, mas já talento verdadeiramente promissor. Como legitimo mato-grossense que é, o Sr. Lobivar Matos insere uma boa parte do quanto produz o

coeficiente do sainete regional que tão dignamente caracteriza a literatura dos filhos do grande estado central. ...comparações como esta, delicadas umas, originais outras, mas todas felizes, repetem-se, a cada passo, nas páginas de “Areôtorare”. (Ari Martins) (Martins *apud* Matos, 1935, p. 94).

Próximo de encerrar os comentários críticos, temos Leopoldo Betiol, que começa sua crítica destacando que não tem o que criticar sobre seus versos, e comenta sobre a maneira que o poeta comenta das glebas mato-grossenses e destaca algumas de suas composições como “Lavadeiras” “A catequização dos Boróros” e “S. João” como uma literatura de observação dessa realidade presenciada pelo poeta.

Triste ilusão! Criticar versos...E que versos...Versos de Lobivar Matos. Um poeta de 18 anos, trêfego, versátil, todo vibratilidade e emoção, apaixonado de luz irriquieta, bulíçoso.... Magnífico poeta, jovem cantor das selvas... ...a impressão dos versos desse - “Areôtorare” - boróro, todo enfeitado de penas multicores das ilusões dos seus dezoito anos, que, enamorado da beleza das glebas mato-grossenses, sai cantando, pela vida afora, o sonho bom que lhe encanta a alma vadia.

Para que destacar suas composições? Bastavê-las por acaso e demorar os olhos, em “Lavadeiras” “A catequização dos Boróros” ou “S. João”. Três motivos diversos, cheios de vida, de fulgor, de observação psicológica, de verdade e de arte ... “Lavadeira” é qualquer coisa que fica, que continua dentro da alma. (Leopoldo Betiol) (Betiol *apud* Matos, 1936, p. 94-95)

Seus amigos mesmo que escrevendo pontos nem sempre tão positivos, publicaram estes comentários em *Sarobá* (1936), e talvez como observo em vários anotações, a idade tenha sido um problema para a crítica, porque comentar sobre tudo que presenciou na cidade de Corumbá com apenas 18 anos era um crítico e político por excelência. Podendo ser visto um dos poucos poetas daquela época que tratava das mazelas de cidade da fronteira. José Pereira comenta:

É confesso que gostei do nome e do livro. Justamente porque o Sr. Lobivar Matos é um dos poucos poetas “modernistas” capaz de dar a poesia alguma coisa melhor do que nos tem dado esses “futuristas” século XIV, candidatos à liderança desta ou daquela escola artística. ...“Areôtorare é um excelente livro de poesias. (J. Pereira) (Pereira *apud* Matos, 1936, p. 91)

O livro *Sarobá: poemas* (1936) nas últimas páginas também apresentam os meio de circulação em que foram publicados comentários das revistas e jornais da época sobre sua obra, é possível então pensar na abrangência das obras e do espaço que

Lobivar teve na época com sua obra, e mesmo assim, caiu ao esquecimento, pois sua temática era além do projeto moderno.

Talvez o poeta tenha alçado voos de comentários críticos de amigos pela política de troca de favores, como Nolasco Afirma “o grande útero cultural, por permitir a troca de favores e de infusões, visando sua própria sobrevivência e a do estrangeiro, inaugura um mundo outro, o da diversalidade (Mignolo), onde a convivialidade e a hospitalidade são postas em prática” (Nolasco, 2013, p. 123).

Temos então como notas da imprensa próximos ao lançamento de *Areôtorare* comentários nas revistas cariocas: “Gazeta de notícias”, “O malho”, “Fon Fon”, “Boletim do Ariel”; em Campo Grande na “Folha da Serra” e em Cuiabá “Revista a Violeta”.

Nos “poemas boróros” que enchem as setenta e tantas páginas do livro do Sr. Lobivar Matos lavra, ardenteamente, uma forte aspiração de singularidade, um anseio constante de aliança com os novos poetas, enfileirados na já famosa legião dos rebelados contra a estesia poética de outros tempos. (Rio de Janeiro, Gazeta de Notícias, 15 mar. 1935)

São poemas de suas selvas, dos seus índios, de sua terra estupenda e maravilhosa, nos quais crepita muita seiva e arde um espírito inquieto e vivo. Tumultuosos ou suaves, nos seus versos cintilam notas de originalidade que hão de chamar atenção da crítica, forçosamente, para a arte desse jovem poeta que Mato Grosso nos manda. (Rio de Janeiro, O Malho, 21 mar. 1935)

O Sr. Lobivar Matos é um poeta modernista, que aparece com um livro de título arrevezado: - “Areôtorare”. Livro de poemas modernos, boróros, como os classifica o autor. Mas força é confessar que o Sr. Lobivar Matos consegue fazer um verso que foge ao estalão comum. Os seus poemas revelam, sem dúvida alguma, um poeta original. (Rio de Janeiro, FON-FON, 06 jul. 1935)

Trabalho de caráter regionalista, primam, de acordo com as intenções de quem os elaborou, pelas notas de simplicidade, de humanidade. Os problemas da alma não são esquecidos e também se refletem no volume os lindos aspectos da natureza mato-grossense. (Rio de Janeiro, Boletim do Ariel, abr. 1935)

“AREÔTORARE” - é bem a perfeita expressão da forte intelectualidade que promana de todas as suas páginas. (Campo Grande, Folha da Serra, n. 37/38)

O jovem poeta conterrâneo Lobivar Matos nos deu “Areôtorare”, precioso livro que reúne os mais belos poemas que a sua inteligência moça e privilegiada soube criar. (Cuiabá, Revista A Violeta, n. 22).

Entendo acima que os boletins da época possuíam críticas sobre os livros, numa relação política de afirmar que o poeta atuava descolonialmente contra os padrões estéticos, afirmando ora que fazia parte da legião de novos poetas rebelados contra a poética tradicional; possuidor de um espírito inquieto e vivo; livro cheio de originalidade, humanidade e simples.

Quando afirmei de amizades passageiras, penso no tema que dei de título a este tópico, negociatas, pois a política da amizade de Lobivar perpassava pela divulgação de seus livros e de pessoas que não eram tão próximas, mas que o poeta soube da existência uma vez que foram publicadas em seu livro. A amizade estava mais para uma negociação que para um laço afetivo.

Considerações finais

Naquele momento, comprehendi o único sentido que a amizade pode ter hoje. A amizade é indispensável ao homem para o bom funcionamento de sua memória. Lembrar-se do passado, carregá-lo sempre consigo é talvez condição necessária para conservar, como se diz, a integridade do seu eu. Para que o eu não se encolha, para que guarde seu volume, é preciso regar as lembranças como flores num vaso e essa rega exige um contato regular com testemunhas do passado, quer dizer, com os amigos. Eles são nosso espelho; nossa memória; não exigimos nada deles, a não ser que de vez em quando nos lustrem esse espelho para que possamos nos olhar nele. (Kundera, 1998, p.43)

No que tange falar de laços intelectuais na recepção dos escritos lobivarianos, como observou-se na leitura do artigo, a crítica fez seu papel de trazer a conservação da integridade dos poemas enquanto memória cultural do estado, bem como os críticos como testemunhas amigas do escritor e traçando assim um vínculo de amizade ou de uma política necessária na época para que o texto sobrevivesse e chegasse a mais leitores.

Que fosse por movimentos contínuos e paradoxais, por publicações em jornais e revistas, em reuniões da tarde em cafeterias, por uma velha e boa indicação amiga, as obras iam sobrevivendo e perpetuando espaço na memória e nas comunidades de

Revista de Letras Norte@mentos

leitores, mesmo que não fosse tão amigos assim, como bem lembra essa amizade para Derrida, em que através de um exercício político essa amizade ia se reinventando, assumindo novos traços, mas sem esquecer que independente do nível de fraternidade, toda amizade é política.

É nesse sentido que entende-se que a amizade em Lobivar Matos laborou como estratégia de inserção literária, permitindo-lhe circular entre elites intelectuais enquanto tematizava questões marginalizadas de uma cidade distante dos projetos globais. Suas obras, desafiavam o cânone modernista, propondo uma poética de/sobre fronteira. As limitações do estudo residem na escassez de fontes primárias sobre sua vida privada.

Em suma, esta pesquisa contribui para os estudos decoloniais ao demonstrar como a amizade pode ser um ato político, reconfigurando tradições literárias e através da crítica biográfica fronteiriça é possível ressignificar vínculos metafóricos com o passado, tornando Lobivar Matos um “amigo póstumo” na escrita acadêmica.

Referências

- ALBORNOZ, Suzana et al. *Ó meus amigos, não há amigos!*: reflexão sobre a amizade. Porto Alegre: Movimento, 2010.
- ARAUJO, Susylene Dias de. *A vida e a obra de Lobivar Matos*: o modernista (des)conhecido. – Londrina, 2009.
- ARAUJO, Susylene Dias de. (org.) *Obras reunidas de Lobivar Matos*. Campo Grande.
- DERRIDA. *Políticas da amizade*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão Freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã*: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GUIZZO, José Octávio. *Lobivar de Matos*: a ilusão e o destino do poeta desconhecido. RAMIRES, Mário. (Editor). In: Revista Griffó. Campo Grande, n. V, setembro de 1979.
- KUNDERA, Milan. *A identidade*. Trad. Teresa Bulhões de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.43.
- MATOS, Lobivar. *Areotorare*: poemas boróros. Rio de Janeiro: Ed. Irmãos Pongetti, 1935.
- MATOS, Lobivar. *Sarobá*: poemas. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.

NOLASCO, Edgar Cézar. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de janeiro: Graal Editora, 1999.

SOUZA, Eneida M. de. *Critica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Recebido em 17/10/2025

Aceito em 19/12/2025